



**UNIVERSIDADE DE BRASILIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

ANA MARIA SENA DE CARVALHO

**OS REIS E OS REISADOS NO MUNICÍPIO DE
CARINHANHA-BA: Memória e Identidade Cultural -
construção, sentido e significado.**

CARINHANHA-BAHIA

2013

ANA MARIA SENA DE CARVALHO

**OS REIS E OS REISADOS NO MUNICÍPIO DE
CARINHANHA-BA: Memória e Identidade Cultural -
construção, sentido e significado.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação – FE – Universidade Aberta Do Brasil – Uab-UnB.

CARINHANHA-BAHIA

2013

CARVALHO, Ana Maria Sena de. Os Reis e os Reisados do município de Carinhanha-Ba. Memória e Identidade Cultural - construção, sentido e significado. Brasília-DF. 68 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/ UnB-UAB

ANA MARIA SENA DE CARVALHO

**OS REIS E OS REISADOS NO MUNICÍPIO DE
CARINHANHA-BA: Memória e Identidade Cultural -
construção, sentido e significado.**

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia pela Faculdade de Educação
– FE, Universidade de Brasília – UnB.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Neuza Maria Deconto (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Mestre Sandra Regina Santana Costa

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho primeiramente a Deus e aos meus pais, João e Maria do Carmo, que foram minha inspiração em todos os momentos da minha vida, por estarem sempre presentes em minha jornada de estudo, desde a Educação Infantil até o momento da minha Formação no curso de Pedagogia.

Minhas filhas Ana Flávia, Lucimary e Heloisa, pois foi pensando nelas que finalizei este curso com tantos conhecimentos adquiridos. Aos meus irmãos, José Raimundo, Maria Raimunda, Damião, Cosme e Suzana. E não poderia deixar de registrar aqui também o apoio da minha querida irmã Maria do Socorro Sena, que contribuiu muito em minha formação no decorrer deste curso.

Em especial, a tutora Crésia Belém, por estar sempre presente nas horas das minhas angústias, para dar-me forças e ajudar no que fosse preciso. Não posso deixar de registrar e agradecer também o apoio da minha orientadora Laila de Mauro Santos, por sua dedicação no momento de escrita do meu TCC, pois sua contribuição foi de muita valia para mim.

Também quero dedicar este trabalho as minhas colegas de trabalho, colegas de curso, amigos, amigas e outras pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com minha formação, por ouvirem sempre as angústias da minha vida no decorrer do curso.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiramente a Deus, por não me abandonar e fazer parte da minha vida. Agradeço a Deus pelo que conquistei até agora, mas peço a Ele para me dar sabedoria para conquistar muito mais.

Agradeço a Deus pelos meus pais que me deram a vida, sem eles eu não seria ninguém, aos meus tios, primos, irmãos e sobrinhos por fazerem parte da minha vida.

As minhas três filhas Ana Flávia, Lucimary e Heloísa por serem minha inspiração, meu refúgio e minha fortaleza nos momentos de angústias e dificuldades, no decorrer do curso.

Aos meus mestres pelo apoio e compreensão, a minha querida tutora presencial Crésia Belém e a minha tutora de estágio Érica Nascimento, as coordenadoras de Polo Jumária e Maria de Lurdes (Nega) por me apoiarem durante o período do curso de Pedagogia, a minha inesquecível orientadora professora Laila de Mauro, e a professora Neuza Maria Deconto, pelo apoio e aprendizado adquirido até aqui.

A todos o meu muito obrigado!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC em Pedagogia a Distância apresenta a reflexão e pesquisa empírica em torno do tema Os Reis e Reisados do Município de Carinhanha-BA. O objetivo geral foi analisar como se constrói a memória e a identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados, no município de Carinhanha-BA, e verificar nesse processo quais as possibilidades pedagógicas dessa construção, para compreender seus sentidos e significados nos processos de ensino e aprendizagens. Para desenvolver a investigação foi utilizada a abordagem qualitativa, os dados foram recolhidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com participantes Idosos dos Reis e Reisado e professoras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Os estudos teóricos geraram em torno dos conceitos de cultura e cultura popular brasileira, relação da cultura, memória e identidade cultural - construção, sentido e significados, os reis e reisados na tradição brasileira e as possibilidades pedagógicas da cultura popular no espaço escolar, baseados nas teorias dos estudiosos Vannuchi (2006), Silva (2008), Brandão (2002), Fávero (2001), Torres e Cavalcante (2008), Cascudo (2002), Caldas (1986), entre outros. E o resultado da pesquisa mostrou que, para os integrantes dos reis e reisados, participar do grupo é uma forma de construir a memória e identidade cultural, e suas apresentações são meios de transmissão para as gerações mais novas. No entanto, nas práticas pedagógicas das professoras entrevistadas vimos que não é dada a devida importância a essa construção e transmissão.

Palavras-chave: Reis - Reisados - Memória - Identidade Cultural - construção - sentido - significado.

Sumário

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	9
Sobre o Memorial	10
Um breve autorretrato.....	11
Meus primeiros anos escolares	12
O ensino médio.....	13
Início da carreira profissional	14
Uma nova fase - a graduação em Pedagogia	15
Conclusão.....	18
PARTE II - MONOGRAFIA	19
INTRODUÇÃO	21
CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	24
1. CONCEITOS DE CULTURA	24
1.2. Cultura popular brasileira	25
1.3. Cultura, Memória Cultural e Identidade Cultural - construção, sentido e significados....	27
2. Reis e Reisados na tradição brasileira: um breve olhar na história	29
2.1. Os reis e reisados no Município de Carinhanha	31
3. Cultura popular no espaço escolar - possibilidades pedagógicas	38
CAPITULO II - METODOLOGIA	41
2.1 - O Instrumento de Coleta de Dados:.....	42
2.2-O local da Pesquisa:.....	43
2.3- Os participantes da Pesquisa:	44
CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS ...	46
CATEGORIA I: Processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados.....	46
- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:.....	46
-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:	48

CATEGORIA II: Construção, sentido e significado da identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados no município.....	49
- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:.....	49
-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental I	49
CATEGORIA III: Formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados	50
-No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:.....	50
- No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:	51
CATEGORIA IV Possibilidades de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas	52
- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:.....	52
-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS:	59
APÊNDICES	62
1.ROTEIROS PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM PARTICIPANTES DO REISADO E PROFESSORES/COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA PESQUISADA	62
1.1.ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DO REISADO	62
1.2.ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES/COORDENADORA PEDAGÓGICA.....	64
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	67

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

“Na maior parte das vezes, lembrar não é viver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje e as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1995,35).

Dessa forma, escrevo meu Memorial com o objetivo de apresentar toda a minha trajetória educacional, destacando atividades que desenvolvi e as que realizo atualmente, as minhas perspectivas de estudo em relação a este curso de graduação e, na sequência, o que aconteceu durante e na finalização do curso. Como Ecléa Bosi expressa em seu texto, assim posso dizer que é com muita emoção e alegria que expressei tudo que vivi, até o momento da escrita deste memorial e reviver, reconstruir o que ficou do passado que está refletido no presente, apesar das dificuldades encontradas na minha trajetória acadêmica e profissional.

Sobre o Memorial

A construção do memorial foi uma proposta de atividade que me deixou muito angustiada e preocupada por ter que registrar toda a minha memória, de quando era criança até o momento que estou vivendo e as emoções e desafios da graduação. Confesso que, para mim, foi uma alegria enorme poder reviver minha memória, desde pequena até esse momento de minha fase adulta. E mesmo sendo muito interessante não foi nada fácil. A ideia foi lembrar e registrar minhas memórias, todas as ações desenvolvidas, as lembranças tristes e as alegres, ou seja, os momentos de todo o meu percurso de vida, incluindo o período do curso de Pedagogia e a minha prática pedagógica como professora.

Falar das experiências vivenciadas nesse longo período do curso, com tantos desafios encontrados a cada semestre estudado foi lembrar tudo que aprendi e, certamente, a concepção de mundo que tenho hoje é diferente daquele que tinha quando iniciei o curso. Por isso é superimportante registrar cada momento com muito cuidado e carinho, nada é construído em nossas vidas por acaso, temos tudo que buscamos com dignidade, responsabilidade e dedicação.

Aprendi muito, mas tenho certeza que preciso aprender muito mais. Assim, como coloca Paulo Freire “inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabado, sei que posso ir mais além dele”. (1996, p.59)

O memorial foi de muita valia para mim, foi o momento ~~este~~ de refletir minha estória, que estou a cada dia escrevendo, de fazer reflexões e registrar tudo que fiz e que precisava ser revisto. E repensado a práxis pedagógica foi de grande importância para a mudança de pensamento, pois os conhecimentos adquiridos no curso propiciaram um olhar abrangente sobre a realidade educacional a qual estou inserida.

Um breve autorretrato

Sou Ana Maria Sena de Carvalho, residente na cidade de Carinhanha, estado da Bahia, solteira depois de um relacionamento de doze anos, mãe de três filhas, Ana Flavia, Lucimary e minha pequenina Heloísa, que me deu forças para continuar a lutar por meus objetivos. Sou filha de João Freire de carvalho e Maria do Carmo Sena de Carvalho, sou a segunda filha de uma família constituída de oito filhos, com apenas sete vivos. Vim de uma família humilde, meus pais são lavradores, lutavam sempre em busca de dar o melhor para nós, meu pai sempre foi muito esforçado e preocupava sempre com os filhos.

Em minha infância fui muito feliz ao lado dos meus irmãos, tínhamos uma vida tranquila. Quando pequenos morávamos em uma comunidade na zona rural, lembro-me que tudo que meus pais faziam era preocupar em oferecer a nós a oportunidade de estudar. E junto com eles, nessa comunidade, foram vividas histórias significantes e necessárias para a formação do ser humano como pessoa, pois fomos criados com muito amor e carinho, apesar das dificuldades que os meus pais tinham para nos criar. E devido esse local não ter uma escola para estudarmos meus pais decidiram trazer-nos para a cidade de Carinhanha, para iniciarmos os nossos estudos.

Meus primeiros anos escolares

Ao falar da minha infância, não poderia deixar de registrar que o meu primeiro contato com as letras foi em casa mesmo, com a minha mãe, que me ensinou o ABC e a Tabuada. Aprendi as letras e o meu nome com ajuda da minha mãe e quando eu tinha sete anos de idade meus pais resolveram levar-me, e aos meus irmãos, à cidade, para estudarmos. Fui matriculada numa escola pública Federal por nome Lindaura Brito de Assunção, no ano de 1986. Escola esta situada à Rua do Rosário S/N, em Carinhanha, Bahia. Tudo era muito estranho para mim, lembro-me da primeira professora no pré-infantil, dois irmãos eram meus colegas de classe, chorávamos muito porque não tínhamos costume com outras crianças. Por ser filha de lavradores, uma menina criada na zona rural e por ter uma cultura diferente das pessoas que moravam na cidade, a realidade era outra.

Tudo era estranho, com o passar dos meses a situação foi amenizando, construí amizades e mesmo sendo uma criança muito tímida, com medo de falar ou fazer perguntas, meu período de alfabetização foi muito gratificante. Lembro-me da professora que me alfabetizou, muito alegre, divertida e carinhosa. Tenho uma lembrança boa da minha alfabetização. Não posso deixar de registrar aqui qual era o nosso transporte da comunidade onde morávamos para a cidade. Meu pai tinha uma carroça de bois e todas as madrugadas de segunda-feira ele e minha mãe acordavam e colocavam todos nessa carroça. Íamos para cidade, voltando sempre nas sextas feiras à tarde. Meu pai acordava sempre cedo e ralava o milho para fazer nosso cuscuz, minha mãe ficava até tarde da noite passando nossas roupas, com ferro de brasa, e assim foram anos e anos de minha trajetória escolar, na minha infância.

Ao sair da alfabetização fui promovida para a 1ª série, minha professora era ótima, mas não igual à professora que me alfabetizou. No final do ano passei para série seguinte e continuei com a mesma professora. Chegando na 3ª série, no ano seguinte, para minha surpresa a professora era outra, mas correu tudo bem comigo, consegui conquistar meu objetivo, passar de ano. Quando fui promovida para 4ª série fui transferida para outro colégio, por nome Colégio Estadual Coronel João

Duque. Chegando a esta escola conheci outros colegas, a professora era encantadora, uma mulher chique, vestia-se muito bem, esposa de um juiz que trabalhava aqui em Carinhanha, filha de um homem muito conceituado por todos na cidade, mas tive um problema, não sabia matemática, principalmente divisão com dois algarismos e por ser muito tímida, tinha vergonha de falar com a professora, e em todas as avaliações eu deixava de fazer as continhas de divisão, e a professora por sua vez nunca atentou a esta questão, passei de ano, mas com essa dificuldade em matemática.

No ano seguinte foi a hora de estudar na 5ª série do ensino fundamental II, série gratificante, tive vários professores, várias disciplinas e muitas dificuldades em matemática. Com notas baixas o ano todo fiquei para recuperação no final do ano, e foi no período das aulas de recuperação que aprendi divisão com dois algarismos. Na 6ª série nada de problemas, foi o ano que fiz muitas amizades com os novos colegas e com os novos professores. A professora de Português, Amaí R. Da Silva, era uma amiga da turma, tínhamos o momento de aprender e também de brincarmos juntos, fazíamos festinhas de aniversários e foram momentos muito gratificantes. Ao iniciar a 7ª série surgiram algumas dificuldades, apesar da professora de Português ser a mesma, tive vários professores de matemática e minhas dificuldades foram muitas novamente. Tive um professor que eu não conseguia compreender o que ele explicava, minha preocupação era perder de ano e fazer recuperação, mas mesmo com tantas dificuldades consegui passar.

Muitas foram as dificuldades a cada ano de estudo. A oitava série foi o período das descobertas, das brincadeiras de adolescente, do namoro contra a vontade dos pais, fugia para namorar escondido dos meus pais, pensava que a disciplina de inglês não reprovava e foi matando as aulas de inglês que fiquei em recuperação, quase fui reprovada. As disciplinas mais complexas eram Química e Física. Fiquei em recuperação e só no período das aulas de recuperação é que fui aprender direito os conteúdos que eu tinha dificuldades.

O ensino médio

Chegando ao 1º ano do segundo grau, no Magistério, nesse mesmo colégio, no ano de 1995, me casei, continuei meus estudos e logo engravidei da minha primeira filha. Foi um ano sem problemas, apesar de estar grávida fui bem e promovida para o 2º ano. Começamos a observar, ou seja, a fazer estágios de observação para completar a carga horária do estágio que seria logo após, no 3º ano. E quando chegou a fase do meu estágio de regência de classe, o qual realizei na escola Municipalizada Otávio Samuel dos Santos, atuei em uma turma da primeira série, no ano de 1997, uma experiência muito significativa. Era uma turma de crianças bem humildes, pois o bairro onde se localiza a escola era um bairro de famílias carentes. Eram crianças carinhosas e legais, me encantava muito fazer o meu estágio nessa turma, que foi o início de tudo na minha carreira profissional. E nesse mesmo ano, ainda no período do estágio, eu fui selecionada por um programa chamado AJA BAHIA – Alfabetização de Jovens e Adultos, para trabalhar com pessoas que não tinham tido a oportunidade de estudar na idade certa, foi uma luta para mim, estudava à noite, fazia o estágio à tarde e já saía do estágio diretamente para trabalhar com o programa, das cinco horas da tarde até às dezenove horas. Saía desta sala de aula e ia diretamente para o colégio, mas como eu precisava trabalhar e ganhar dinheiro porque passava por muitas dificuldades, fui agarrando as oportunidades vencendo-as com muita luta e concluí tudo com muito êxito.

Início da carreira profissional

No ano de 1998, recém-formada em Magistério, surgiu o concurso público para professores do ensino fundamental, prestei o concurso e fui classificada dentro das vagas. Foi uma oportunidade única na minha vida porque logo no término do Magistério veio a oportunidade de trabalhar como educadora. Tenho muito a agradecer aos meus pais pelo incentivo, pois tudo que sou na carreira em que ingressei foi com muitos esforços por parte deles, que me incentivaram a optar por essa profissão. Depois de passar no concurso estou até hoje exercendo a minha profissão, é claro que muitas dificuldades foram encontradas no meio do caminho percorrido até o momento atual. Minha primeira experiência na docência foi na zona rural, numa comunidade a 20 km² de Carinhanha, era uma turma multissérie ou multisseriada, lá trabalhei por dois anos, era uma turma composta por alunos de

várias séries, pré-escola, 1^a, 2^a 3^a e 4^a séries, todos juntos em um só momento. E no ano de 2000 vim para a sede do município, onde estou até o momento.

Devido às dificuldades encontradas, muitas vezes, para ir e voltar todos os dias, porque não era fácil transporte nessa época, tive momentos bons, alegres e divertidos com minhas outras companheiras de estradas, subindo em carrocerias de carros e caminhões, mesmo grávida da minha segunda filha. Superei todos os obstáculos e hoje guardo em minhas lembranças momentos de muito aprendizado, apesar das dificuldades.

Uma nova fase - a graduação em Pedagogia

Um sonho realizado, pois graduação antes não era para todos, só para quem tinha condições de sair para as cidades grandes. Após muitos anos de trabalho surgiu a oportunidade de prestar um vestibular na própria cidade que moro, com a chegada dos cursos superiores à distância em Carinhanha. Apesar de na época não ter conhecimento sobre um curso superior e, principalmente, à distância, fiz porque senti naquele momento a oportunidade bater em minha porta, dando-me a chance de estudar e adquirir conhecimentos, com uma licenciatura para trabalhar na área da educação. Assim, fiz a minha escolha em Pedagogia, por gostar de trabalhar com séries iniciais do ensino fundamental. Passei no vestibular e foi uma grande satisfação, por ser um curso concorrido e da UAB com convênio com a UnB, não era para qualquer um.

No início foi frustrante, pois não sabia nem mesmo manusear o computador, mas com a ajuda dos técnicos de informática do polo, aos poucos os desafios foram sanados, fui encarando tudo com garra, coragem e persistência. Houve momentos de muitas angústias, muito choro, medo de não dar conta do recado, porque enfrentei inúmeros problemas.

A tutora presencial Crésia e a coordenadora do polo Jumária ajudaram muito, nos incentivando a todo o momento. O primeiro semestre do curso foi muito difícil e também muito marcante, cursei cinco disciplinas, uma delas foi Antropologia e

Educação. Disciplina esta ofertada e ministrada pela professora autora Rosângela Azevedo Corrêa. Ela nos proporcionou momentos de reflexões e de aprendizado coletivo. Muito exigente, com isso aprendi muito, e sendo uma professora que cobrava muito se tornou uma das melhores que tivemos, pois a mesma nos incentivou bastante e, dentre várias, ela foi uma das que marcou muito o nosso percurso no curso de Pedagogia.

Lembro-me dos momentos de aprendizado coletivo e individual com a mesma, uma lição de vida com os textos estudados, conhecimentos adquiridos. E os encontros presenciais com a professora Rosângela foram de suma importância para mim enquanto estudante. Todas as disciplinas e projetos ministrados por ela me possibilitaram momentos de muitas descobertas e aprendizados significantes para minha formação acadêmica.

A disciplina História da Educação, estudada logo no início do curso, foi riquíssima para a nossa formação como pedagogos, pude com essa disciplina me conhecer e reconhecer-me como sujeito, não apenas da minha história, mas como sujeito da história da humanidade, visto que como dizia um dos textos estudado de onde tudo era vazio e obscuro, ia surgindo um mundo mais completo, da mesma forma cada ação e contribuição da minha pessoa poderiam trazer grandes benefícios ou malefícios dentro da sociedade porque cada ação do passado resultava efeito no presente. Os textos estudados nos proporcionou muito aprendizado. No decorrer dos conteúdos muito fui me aprimorando sobre os temas abordados, diante dos textos sobre positivismo, historicismo e marxismo, nos quais pude ver que essas correntes se articulavam em algum momento da história da educação. As atividades que aconteceram no ambiente virtual, através dos fóruns de discussões e as atividades em grupo, proporcionaram um momento muito rico para nós, enquanto acadêmicos do curso de Pedagogia.

Não podendo deixar de registrar também a importância de estudar Projeto I, que proporcionou conhecer a concepção de formação do curso de Pedagogia. Esta assume que os processos formativos são essencialmente processos de aprendizagem, mais que de ensino, e que o curso de Pedagogia está estruturado em várias direções, uma delas é a preocupação com a construção de uma

identidade profissional dos educadores. E com o Projeto II não foi diferente, aprender sobre os pedagogos foi de muita valia para minha formação, aprendi o que é a Pedagogia, sendo ela uma ciência da educação é a arte de ensinar, através de métodos e técnicas que procuram estabelecer formas para o desenvolvimento e formação de uma criança. Todos os projetos foram de suma importância para nos preparar para finalização do curso, por meio de estratégias do universo de Educação a Distância pela UAB/UnB.

E falar das disciplinas estudadas não poderia deixar de registrar em meu memorial a disciplina Socioeconomia, Psicodrama e Educação, que foi também um grande marco, com a professora Ana Polônia, onde o teatro, o drama, o personagem estiveram em cena a todo o momento. Foi pura demonstração e sensação de expressão de liberdade, mas me deixou muito atormentada, foi com muitas dificuldades que concluí porque sofri um acidente e não podendo fazer as atividades no prazo determinado não desenvolvi um bom projeto, acabei perdendo e refazendo em outro semestre.

Todas as disciplinas tiveram conteúdos riquíssimos para nos preparar academicamente até o final do curso. O projeto 4-fase I Gestão Educacional, ministrado pela professora Sônia Pacheco, foi o que mais me identifiquei no decorrer do curso, pedi ajuda a professora Rosângela Azevedo Corrêa e a mesma não mostrou dificuldade em me ajudar, enviou via e-mail um livro que foi sem sombra de dúvidas a minha melhor orientação. Através deste livro desenvolvi o meu tema e terminei todo o percurso do projeto com muito êxito. O projeto IV - fase II também foi excelente, pois fazer projeto em Educação Infantil, que foi um dos campos de estágios obrigatórios indispensáveis para a formação do pedagogo no curso de Pedagogia, foi de suma importância para a minha compreensão no campo da prática e de professores pesquisadores, por serem atrativos e fundamentados em teorias essenciais para o nosso crescimento tanto pessoal como profissional.

A disciplina de Educação em Geografia também foi importante, pois através dos estudos dos textos e dos trabalhos realizados pude aprender o conceito e o que é Geografia. Foi muito difícil compreender o objetivo da disciplina, mas com o estudo do tema apropriação do lugar para construção de conceitos, ficou tudo mais

claro para mim. Muito relevante e significativo foi também o estudo da disciplina História da Educação Brasileira, ministrada pelo professor Dr. José Luiz Villar. Não podia deixar de lembrar dessa disciplina que me ajudou a mudar meu conceito sobre o ensino de História. Fazendo uma leitura cuidadosa e minuciosa dos textos pude compreender e conhecer melhor os historiadores da Educação, os povos indígenas que habitavam o Brasil antes da colonização portuguesa. Foi também bem interessante estudar Processo Educativo que está, primeiramente, ligado a uma questão existencial, à existência da própria sociedade e da identidade de uma cultura. Pude conhecer relações entre o Positivismo e a Educação na Primeira República, pois o Positivismo influenciou de maneira considerável a sociedade nos séculos XIX e XX, com seu ponto de vista de que a Educação é uma atividade social também marcada por influências, pois o objetivo educacional positivista é o de modificar o mundo para adaptá-lo às necessidades humanas e aperfeiçoar o homem.

A disciplina Teoria da Educação me fez compreender melhor o papel da educação, e de acordo com os textos estudados foi possível perceber que existe uma abordagem no campo administrativo. As atividades foram executadas em forma de trabalho, sendo utilizadas e orientadas por habilidades adquiridas, que se baseavam em valores e teorias que se resumiam em conceitos de comportamento, num mundo cada vez mais interdependente e administrativo. Nesse sentido, afirma Chiavenato (2000) “a administração é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos a fim de alcançar determinados objetivos, com isso, um administrador para alcançar os objetivos do seu grupo planeja, organiza e dirige os trabalhos a serem desenvolvidos.”

Conclusão

Durante a construção do memorial registei tudo que vivi desde a minha infância até o momento da minha graduação, contei minhas experiências desde aluna, educadora e acadêmica, na busca por uma prática pedagógica renovada, que possibilitasse uma educação verdadeira e significativa na vida das pessoas, que dependem dela para enfrentar os desafios do dia-a-dia.

PARTE II
MONOGRAFIA

Culturas, Culturas, Culturas.

A Vida é cultura.

O homem é
Cultura das culturas,
é a cultura existencial.

As culturas são definidas como:

Hábitos,
Costumes,
Estilos de vida,
Arte,
Canção,
Poesia.

As culturas são diversas,
diversos são os povos,
e os povos têm
suas origens culturais.
Cultura exige cuidar,
e no cuidar da vida
ampliaremos o conceito
de cultura.

Se somos frutos de uma cultura,
Pensemos a originalidade que somos.
Se tudo o que fazemos demonstra cuidado,
Olhemos os desastres no universo.

Pensar é arte,
e arte é cultura.

A cultura do pensar
transforma o homem e
sua relação com o outro,
resultando em profunda
harmonia.

(José Damião Limeira
Curitiba - PR - por correio eletrônico)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de monografia de conclusão do curso de Pedagogia a Distância, pela Faculdade de Educação – UAB-UnB, tem como tema de investigação e reflexão Os Reis e os Reisados no município de Carinhanha-BA - Memória e Identidade Cultural - construção, sentido e significado. A temática da cultura Popular Brasileira, embora ausente em nosso processo de formação em Pedagogia, sempre me instigou e me levou a encarar esse desafio de, nesse momento de conclusão do curso, refletir sobre a multiplicidade e pluralidade de suas expressões artístico-culturais, representadas pelos folguedos, danças, cortejos, autos e pelas festas da religiosidade popular.

Essas manifestações, não só constituem nossa memória e identidade como povo e nação, mas propiciam, de acordo com alguns estudiosos e pesquisadores, importantes possibilidades didático-pedagógicas no campo da educação escolar, em especial, em nível do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, para dar conta de realizar um estudo empírico dentro das limitações do tempo e das exigências acadêmico-burocráticas de um trabalho de conclusão de curso de graduação, fez-se necessário delimitar o objeto de meu trabalho, assim definido: Os reis e os Reisados na construção da memória cultural dos participantes idosos do município de Carinhanha-BA - sentidos e significados e suas possibilidades pedagógicas no espaço escolar.

A pergunta ou questão de pesquisa gerada a partir dessas premissas, assim se enuncia: Como ocorre a construção da memória e identidade cultural dos participantes idosos dos reis reisados no município de Carinhanha-BA? E qual sua importância para as gerações mais novas, no contexto das práticas pedagógicas de professores do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, de uma escola em Carinhanha –BA ?

O objetivo geral dessa investigação é o de analisar como se constrói a memória e a identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados, no município de Carinhanha-BA, e verificar nesse processo quais são as possibilidades pedagógicas dessa construção, para compreender seus sentidos e significados nos processos de ensino e aprendizagens. Nessa perspectiva, os objetivos específicos assim se delinearam:

- Identificar o processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados no contexto da cultura popular brasileira – Os Reis e Reisados em Carinhanha-BA.
- Investigar a construção, o sentido e o significado da identidade cultural para os participantes idosos dos Reis e Reisados;
- Analisar as formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados para as gerações mais novas e suas possibilidades de ensino e aprendizagens, no contexto das práticas pedagógicas de professores dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, de uma escola do município.

O desafio deste trabalho é sem dúvida, imenso. Tenho consciência disso. No entanto, a educação contemporânea exige de nós pedagogos uma atuação que amplie as possibilidades de nossos alunos a valorizar e reconhecer as manifestações das culturas populares no contexto social, histórico e cultural de nossa sociedade.

De um modo geral, a ideia de cultura nos mais variados contextos sociais em nosso país ainda é muito hierarquizada e relacionada a uma sofisticação letrada e superior, cuja produção somente é possível por uma classe social que detém meios econômicos mais abastados. Os contextos da educação escolar, em todos os níveis, afirmam e reproduzem esse tipo de pensamento por meio de suas práticas pedagógicas. Silva (2008, p.9) traz uma provocativa reflexão nesse sentido:

Cultura popular e educação podem adquirir diferentes, dependendo do contexto ou da sociedade a partir da qual forem pensadas. Numa sociedade como a brasileira, profundamente marcada por múltiplas hierarquias e desigualdades, a ideia de “cultura” – antes de tudo associada à sofisticação, à erudição e à *educação* formal – uma vez aproximada à categoria “popular” produz uma estranha dissonância. Cultura popular identifica, então, o *cultivo* doses elementos, significados e valores comuns ao povo, essencialmente diferentes dos meus – sofisticados, elaborados, superiores – posto que são

também, eles, diferentes de mim, se vestem e falam de outro modo, habitam outros lugares.

A cultura popular brasileira, rica e múltipla, tem sido fonte de inspiração estética e poética para inúmeras experiências artísticas na sociedade contemporânea, revelando sempre seu imenso manancial criativo. Isso demonstra, não apenas a necessidade documental de nossas manifestações culturais populares, mas, sobretudo, a importância de mantê-las enquanto processos vivos circulando nos mais diferentes espaços sociais. O espaço escolar é sem dúvida um lugar privilegiado para sua difusão, reconhecimento e a valorização da dinâmica de permanência e transformação de nossas culturas populares, construindo sentidos e significados para quem ensina e quem aprende.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-Arte (1997), por meio dos Temas Transversais, sugere e apresenta fundamentos conceituais e metodológicos para o trabalho com a pluralidade e diversidade cultural brasileira, no Ensino Fundamental. Ainda assim, as práticas pedagógicas relacionadas às manifestações culturais populares em nossas escolas, de um modo geral, são quase inexistentes.

Para análise, discussão e interpretação dos dados coletados em campo optei pela abordagem qualitativa da pesquisa de caráter descritivo. E como principal instrumento de coleta dos dados empíricos em campo lancei mão de entrevistas semiestruturadas.

O trabalho monográfico de conclusão do curso de Pedagogia a Distância, aqui apresentado, foi estruturado em três partes, definidas da seguinte forma: memorial educativo, a monografia propriamente dita e perspectivas profissionais no campo da Pedagogia. No memorial educativo foram relatados os principais fatos do processo de minha escolarização. A monografia contém três capítulos, o capítulo I trata do referencial teórico, o capítulo II explica a metodologia da pesquisa, e no capítulo III estão as análises e interpretação dos resultados encontrados. A parte das perspectivas profissionais no campo da Pedagogia fecha o trabalho apontando conclusões e recomendações.

CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Os Reis e Reisados do Município de Carinhanha-Ba: Memória e Identidade Cultural - construção, sentido e significado.

1. CONCEITOS DE CULTURA

Sabemos que cultura é o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência, transformando a realidade de acordo com o seu modo de vida, agindo de acordo com os seus costumes e instruções, em um processo em permanente evolução, em várias dimensões.

Pode-se compreender a cultura como um conjunto de fenômenos naturais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação em processo de mudanças. E numa perspectiva mais específica, Santos (1994, p.24) sinaliza para uma compreensão de cultura como a organização do mundo humano: “Assim a cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”.

Nessa perspectiva, significa que a cultura ao mesmo tempo em que é comum a todos os seres humanos se apresenta de diferentes modos para cada grupo. O que Fávero completa afirmando:

A existência humana é a existência de pessoas em comunidades, ou seja, comunicação de valores de uma pessoa a outra. Uma comunidade humana só se faz sentir em razão da capacidade que o homem tem, através do conhecimento e da ação, de transformar o mundo natural em um mundo de cultura. Em outras palavras, a natureza exprime o que é dado ao homem e a cultura o que é feito pelo homem. (1983, p.15)

Dessa forma a cultura é compreendida como uma atividade humana na qual o homem transforma o mundo e a si mesmo. E, segundo Laraia (1997), o que difere o homem dos outros animais é a capacidade de produzir cultura porque transmite sua cultura no meio pelo qual ele se adapta às condições de existência, transformando a realidade de acordo o modo de pensar, agir e seus costumes em um processo em permanente evolução.

E o pressuposto para o aparecimento da cultura é a linguagem. Nesse sentido, por meio da fala o homem expressa suas ideias, sentimentos e busca simbolizar de forma ampla o mundo naquilo que é mais humano no homem. Sob esse ponto de vista a cultura resulta da intervenção social; é aprendida e transmitida por meio da aprendizagem e da comunicação, feita através dos grupos, ou do complexo cultural a que esses indivíduos pertencem.

Vannucchi (2011 p. 23) diz que:

Cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura. A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que deles provém é cultura. Em resumo: tudo o que é produzido pelo ser humano é cultura.

Nessa mesma direção Brandão (2008, p. 6), afirma:

Cultura é tudo aquilo que os seres humanos acrescentam a natureza de que nós somos parte e de que partilhamos. Pois nos seres humanos, somos seres naturais... Mas somos naturalmente humanos, vivemos a cada momento de nossas vidas a experiência desta dupla morada, vivemos num mundo natural que está em nós e ao nosso redor, a cultura é, está, transita e se transforma naquilo em que os seres humanos fazem com eles próprios.

A linguagem realmente é uma das formas de transmissão da cultura e, diferente dos outros animais, o homem é quem tem a capacidade de produzir cultura porque transforma a natureza, como também de transmiti-la a outros. Assim, pode-se ver a cultura como transmissão de conhecimentos entre os seres humanos, de geração a geração, com suas transformações no processo histórico.

1.2. Cultura popular brasileira

Somos seres do mundo e no mundo. Sendo assim, nossa existência será sempre manifestada através da cultura, que é uma atividade humana. E nesse mundo fazemos intervenções de várias maneiras, construímos coisas, criamos, transformamos a natureza e a nós mesmos, na convivência em grupo. E nos identificamos com a cultura de nosso grupo social, que apresenta características diferenciadas de outros grupos. Dessa forma, o mundo se constitui de diferentes culturas. Então, falamos de cultura oriental e ocidental, cultura americana e

brasileira, cultura mineira e baiana, cultura erudita e cultura popular. Essas culturas são diferentes, mas não são desiguais e não devem ser vistas como umas mais inferiores ou adiantadas que outras. É fundamental que sejam reconhecidas e respeitadas.

Nessa perspectiva cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas. É o mais amplo de todos os conceitos para as ciências sociais e históricas. E Brandão (2007) aponta alguns fundamentos para melhor caracterizar as culturas populares. Estas são singulares e originais, não cópias de outras; interagem e possuem dinamismo próprio, pois preservam as tradições sem ignorar o momento presente; representam experiências de criações coletivas.

A cultura popular também é vista como a manifestação do povo como atitude de se contrapor às convenções sociais que, na maioria das vezes, está voltada para a cultura de elite. Dessa forma, Caldas (1986, p.69) entende cultura popular como:

Parte da cultura produzida pelo povo para o próprio povo. Sua principal característica talvez seja exatamente o fato de ser produzida espontaneamente e em qualquer lugar. Nas ruas, no trabalho, no lazer, nos lares, dentro de casa, na praça pública, na igreja, enfim, não há lugar específico para surgir à cultura popular.

Assim, a noção de cultura popular engloba todas as manifestações populares, dando a ela uma potencialidade na construção de uma nova sociedade, mas ela não deve ser entendida como uma segunda restrição ao conceito genérico de cultura, para que não seja vista apenas como formação e veiculação dos valores da elite, negando os grupos populares como formadores de ideias e opiniões. É preciso observar que as culturas se entrelaçam popularmente em um universo multicultural, especialmente no mundo globalizado atual, com os avanços das tecnologias de comunicação.

Nesse sentido, vemos que a cultura popular brasileira é rica e múltipla, apresenta um leque variado de manifestações culturais, cuja tradição é mantida viva e renovada em suas especificidades regionais, em diferentes cidades e espaços sociais, que por meio das memórias pessoais, familiares e grupais, que geram

ideias, imagens, representações e sentimentos diversos são repassadas de geração a geração.

Ela abrange uma dimensão ampla de conotações e constitui a causa de muitas dificuldades nas relações sociais e culturais, que se relacionam com aspectos étnicos, raciais, linguísticos, religiosos, éticos e outros. Portanto, traz a necessidade de se descobrir, nas diferentes formas de ser, viver, pensar, sentir, produzir e expressar saberes, caminhos para uma convivência de respeito à pluralidade no convívio em sociedade.

1.3. Cultura, Memória Cultural e Identidade Cultural - construção, sentido e significados.

Quando falamos em memória, falamos de uma faculdade humana, que preserva fatos e acontecimentos do passado. A faculdade da memória é responsável por nossas lembranças e recordações. Nesse sentido, são os indivíduos que lembram e recordam, por isso toda memória é uma memória de alguém. Assim, Silva (2008, p. 85) esclarece que “ela se refere, antes de tudo, ao Eu, ao olhar que essa pessoa constrói a respeito de si mesma, da identidade, portanto, de quem efetivamente recorda”. Então, podemos entender que a memória é a nossa capacidade de armazenar informações, levando em conta lembranças de fatos acontecidos individualmente e coletivamente, ou de pensamentos e ideias que nem chegam a acontecer. Trata-se de um processo complexo e que pode acontecer de uma forma espontânea e dinâmica e está em permanente mutação em seu trabalho contínuo de lembrar e esquecer, como explica o autor já citado, acima:

A memória é um processo complexo e não se reduz a um simples ato mental. Ela passa pela percepção dos nossos sentidos, como também pelos nossos sonhos e ilusões e pode incluir tudo, desde uma sensação mental altamente privada e espontânea, possivelmente muda, até uma cerimônia pública solenizada. Todavia, tanto num caso como noutro, os dados da nossa experiência cotidiana são as reservas, os estoques, a massa de elementos sobre os quais ela trabalha. SILVA, (2008, p. 86).

E Meneses (2002, p. 185) afirma que “a memória, assim, mais precisamente, diz respeito à história concebida não como o conhecimento do homem no passado,

mas como conhecimento da dimensão temporal do homem”. E Ortiz (2006) nos traz a questão de que a memória ainda pode ser compreendida como memória coletiva e memória nacional:

A memória coletiva é da ordem da vivência, a memória nacional se refere a uma história que transcende os sujeitos e não se concretiza imediatamente no seu cotidiano. O exemplo do candomblé e do folclore mostrou a necessidade de a tradição se manifestar enquanto vivência de um grupo social restrito; a memória nacional se situa em outro nível, ela se vincula à história e pertence ao domínio da ideologia (p.135).

Nessa perspectiva é válido apresentar aqui outro aspecto considerado pelo autor e que interessa à discussão teórica do presente estudo, por estar relacionado aos místicos universos simbólicos que participam da memória em sua dimensão coletiva e nacional. Continua esclarecendo, assim, Ortiz (2006, p. 135):

A memória coletiva se aproxima do mito e se manifesta, portanto, ritualmente. A memória nacional é da ordem da ideologia, ela é o produto de uma história social, não da ritualização da tradição. Enquanto história ela se projeta para o futuro e não se limita a uma reprodução do passado considerado como sagrado.

E retomando Silva (2008, p.86), vimos que a memória coletiva se constrói em uma existência concreta, manifestando-se em sua forma mais imediata que são as vivências no âmbito de um grupo social. Ele afirma:

(...) toda memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros a partir de experiências numa vida em família, o nosso bairro como vizinhos em uma dada comunidade, a nossa vida profissional em torno de relações estabelecidas no escritório, na fábrica ou no sindicato.

O enfoque que nos interessa refere-se à memória coletiva, uma vez que é nessa dimensão que encontramos a memória popular onde se situam as manifestações da cultura popular de um povo. Assim, a memória é definida como a capacidade de lembrar e conservar fatos acontecidos no passado e que tudo está relacionado com o presente e a mesma é elemento básico da tradição familiar. Mas não só familiar como também de outros grupos sociais. Nessa direção surge o conceito de “lugares de memória”, locais que fornecem subsídios para estabelecer a memória de um povo. E segundo Horta e Priori (2005, p. 37) esses são:

(...) locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em “lugares de memória”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada.

Portanto, a memória de uma nação se faz com interações das memórias individuais, familiares e coletivas, base para a construção da identidade cultural do povo dessa nação. Os constituintes de um grupo, ao se identificarem com seus traços e tradições culturais, se reconhecem como sujeitos participantes desse grupo, capazes de construir e reconstruir processos históricos, que dão sentido e significado à identidade cultural dessa coletividade.

E os lugares de memórias, materiais e imateriais, são fundamentais, pois vão subsidiar a constituição da memória coletiva, por meio do resgate de sua herança cultural, fortalecendo na população o sentimento de pertencimento, que contribui para construção de sua identidade cultural. Nos lugares de memórias imateriais estão as tradições orais, onde se encontram as manifestações culturais que são recontadas de geração a geração, como os reis e reisados, foco de estudo do presente trabalho.

2. Reis e Reisados na tradição brasileira: um breve olhar na história

Ó Deus salve
 A casa Santa
 Onde Deus fez a morada
 Onde mora o calisbento,
 E a hóstia Consagrada.
 Porta Aberta, luz acesa,
 Recebeis com alegria,
 Recebeis o Santo Reis,
 Filho da Virgem Maria.
 (Estrofe do Hino de Abrição de Porta
 – de conhecimento popular)

Um dos principais folcloristas brasileiros, Câmara Cascudo (1988 p.97) registrou uma das primeiras aparições da manifestação de “Grupos de Reis peditórios na Bahia”, tendo como referência suas leituras de Nuno Marques Pereira, um historiador do século VXIII:

“(...) uma noite dos Santos Reis saíram estes [homens] com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila cantando para lhes darem os Reis em prêmio que uns lhes davam dinheiro e outros”.

Cascudo (apud Silva, 1984) em sua *Literatura Oral no Brasil* apresenta o conceito de “despersonalização cultural”, em que fala da mistura dos elementos culturais de dois ou mais povos que entram em contato direto em determinada região por um indeterminado período. Segundo o folclorista, as culturas desses dois ou mais povos se misturam ao ponto de não mais se poder distinguir claramente os elementos de uma ou de outra cultura, numa ou noutra manifestação. De um modo geral, a mescla desses elementos pode ser observada nas manifestações de reis e reisados em quase todas as regiões brasileiras.

O Reisado se configura como um espetáculo popular, que ocorre nas ruas, como tantas outras manifestações culturais populares brasileiras. As danças, músicas e personagens que compõem o reisado comemoram e celebram o natal e os reis magos. O palco desse espetáculo é a rua, o espaço público, que, de certa forma, se transforma em um espaço educativo onde se afirmam identidades, memória, ludicidade, fé e resistência. A população da cidade de Carinhanha e de outras localidades do município tem a oportunidade de apreciar, acompanhar ou apenas olhar o cortejo dos reiseiros.

Passarelli (2003,p.1), assim se refere ao Reisado:

(...)são as manifestações folclóricas natalinas, coreográfico-musicais, baseadas direta ou indiretamente nos costumes ibéricos do Ciclo do Natal, tendo ou não preservado o fundo religioso e independente da existência de um entrecho dramático, de peças teatralizadas, figuras de entremeio ou simulacros guerreiros.

As festas de Santos Reis ocorrem no momento em que os moradores participantes da folia se reúnem em grupos formados por músicos, cantores e dançadores, familiares e amigos que vão de porta em porta, no período entre seis de dezembro a seis de janeiro, anunciar a chegada do menino Jesus, como eles mesmo dizem fazendo sua homenagem a santos Reis, aos Três Reis Magos, louvando aos donos das casas devotos de Santos Reis, que os recebem com muita

emoção, alegria, comida, bebida e reafirmam sua fé e devoção, certos de que suas preces serão alcançadas no momento em que rezam a ladainha e celebram o dia de santos Reis. É uma festa popular que se compõe de pessoas participantes da folia, incluindo as crianças que também participam com muito respeito e alegria, interagindo com os participantes e todos os familiares.

De acordo com Torres e Cavalcante (2008) o aparecimento das Folias, Companhias e Embaixadas de Reis do ciclo natalino, com seus estilos, características e a multiplicidade de formas, que se apresentam em cada região, marcam, ao mesmo tempo, a singularidade e a pluralidade dessa manifestação Brasil afora. E explicam:

No caso das Folias/Companhias/Embaixadas de Reis, as formas de representação dos grupos e de seus componentes, como também os estilos de cantoria, entre outras características, variam de região para região, entretanto a essência, o núcleo dramático dessas tradições “que é contar, rememorar a viagem dos Três Reis Magos, o culto ao Menino Jesus” (DINIZ, 2007) não muda. De uma maneira mais ampla, todos os reisados, sob influência dos Reis Magos, constituem autos populares ou grupos de cantoria, formados: “[...] por grupos de músicos, cantadores e dançadores, que vão de porta em porta, no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, anunciar a Chegada do Messias, homenagear os Três Reis Magos e fazer louvações aos donos das casas onde dançam”. (ROCHA, 1984) Normalmente, saem por promessa e/ou devoção aos Santos tradições que chegaram ao Brasil sofreram, gradativamente, a influência local pela incorporação dos elementos da cultura negra e indígena, através de hibridismos religiosos e culturais, ou seja, como preconizam diversos folcloristas brasileiros, adquiram a “cor local”. (p. 201)

As manifestações dos reis e reisados, portanto, começam no Natal, se estendem até o dia seis de janeiro, que no calendário religioso católico é consagrado aos Santos Reis. Nesse dia, entre as muitas ações e ritos, que integram o reisado, como música, canto e apresentações do boi de reis, reza-se a ladainha de santos reis. É sempre uma celebração de rara beleza de nossa cultura popular, em que se misturam elementos da fé, da religiosidade e elementos profanos.

2.1. Os reis e reisados no Município de Carinhanha

No município de Carinhanha são vivenciadas várias manifestações culturais que fazem com que os carinhanhenses mostrem seu jeito próprio de viver, com a sua religiosidade, suas crenças, lendas e festas populares, como a dos reis e reisados. É uma cidade rica em cultura e a mesma surpreende seus visitantes com sua diversidade cultural e religiosidade, despertando a atenção dos visitantes, principalmente de escritores e compositores.

Sendo a Bahia considerada terra de todos os Santos, das misturas de raças, de ritmos, cores e diversas manifestações folclóricas que permeiam o imaginário popular, resultado de sua miscigenação, em Carinhanha não é diferente, esta cultura rica e diversa é vivenciada e manifestada em grupos de homens que com suas simplicidades e cantorias, de 1º a 06 de janeiro, saem de casa em casa, acompanhados por seus instrumentos, como viola, caixa, reco-reco, dois pandeiros e caracaxá, cantando em homenagem a Santos Reis, onde são recebidos com muita alegria e religiosamente, cumprem a sua missão, que é finalizada no dia 6 de janeiro quando é rezada a ladainha em comemoração a Santos Reis, pagando assim a promessa feita ao santo.

Os carinhanhenses acreditam muito no poder das rezas das rezadeiras e benzedadeiras, nas ladainhas, onde os povos manifestam sua fé, através das rezas nas lapinhas feitas para receber as apresentações dos reiseiros. E dessa forma, vivem, ano após ano, a emoção de festejar e acompanhar as apresentações dos Ternos de Reis, que dançam nas casas das pessoas e em troca recebem ofertas de comidas, bebidas e dinheiro para fazer a reza no dia 6 de janeiro, em comemoração a Santos Reis.

A tradição dos Reis e Reisados, em Carinhanha-Ba, ocorre com algumas semelhanças com as demais regiões brasileiras, em especial, com as do Estado da Bahia. Porém, com algumas peculiaridades, tanto em seu ritual, quanto nos elementos que compõem essa manifestação da cultura popular. Os reis são cantados em comemoração ao dia de Santos Reis. Os reiseiros chegam cantando:

Hô de casa, hô de fora,
hô de casa, hô de fora,
hô de casa, hô de fora,

Porta aberta, luz acesa,
 Recebeis com alegria,
 Recebeis com alegria
 Recebeis Santos Reis.
 Vai uma pombinha avoando,
 Com uma corrente no pé,
 Cantais esse Reis a São José,
 Em louvor a Santo Reis,
 E também a sua dona,
 É uma flor de melancia,
 Parece a estrela guia,
 Quando vê o romper do dia,
 E não canto os seus pequenos,
 Que eu não sei quem ele é,
 Se é um cravo, se é uma rosa,
 Com uma açucena no pé.
 Oliviva o Santo Reis,
 Que de fora viva nós,
 E o dentro viva vanceis,
 Que o de dentro viva vanceis
 (Hino de abertura de porta – de conhecimento popular)

Há semelhanças e diferenças na constituição do ritual dos reis e reisados com as demais manifestações populares, dada a mestiçagem dos elementos culturais que nos constituem, como a herança africana, indígena e europeia. Revela-se, assim, o caráter híbrido múltiplo e diverso de nossas culturas populares que resistem e se transformam em dinâmico movimento no curso de sua história.

O que Cascudo (1967, p. 157) chama “despersonalização cultural” pode ser compreendido também como o caráter dinâmico e poroso de nossas manifestações culturais populares. No caso específico do reisado em Carinhanha, que é, ao mesmo tempo, uma manifestação com forte herança do cristianismo, apresentam, estruturalmente, elementos da cultura africana, como por exemplo a presença da caixa, que é um instrumento musical percussivo muito presente nessa cultura. É essa elasticidade da cultura popular que permite sua eternização ao longo dos séculos através dos povos.

A constituição, a forma e o ritual dos reis e reisados do município seguem uma estrutura com alguns elementos e expressões próprias da tradição que se manifesta em todo Brasil, no entanto, aparecem algumas interessantes especificidades. É costume nas casas por onde passa o reisado oferecer farta alimentação (a janta), especialmente preparada para o cortejo e os reiseiros. E existem vários grupos, como do senhor Ricardo, do senhor Hermínio, os ternos de

reis de Zuza, o terno da contradança da Tapera, e os ternos de reis do senhor Joaquim Martins (Joaquim Tapuio), entre outros.

Os reis e reisados no município se compõem da folia de reis, da contradança, das ladainhas, da novena, dos ternos de reis, reis de caixa, reis de boi, tudo com muita música e cantorias, que descrevo a seguir.

- A contradança:

Segundo o senhor Hélio Sena Alves, 57 anos, conhecido como “Branco”, ex-integrante de grupo de reis, a contra dança começou como uma brincadeira conhecida como contradança dos filhos de Ricardo. E que os instrumentos eram feitos por eles mesmos, o pandeiro faziam com o couro de cutia, com a madeira de Barriguda (uma árvore redonda) e as contas, do sedém da barriga de animais. Antes suas roupas eram simples, depois passaram a comprar roupas iguais para todos, calça preta, camisa branca ou colorida, uma toalha branca bordada em uma das extremidades com as iniciais do nome, e, na outra, flores pintadas ou bordadas a ponto cheio, usavam penduradas no pescoço e também no chapéu.

Santos (2006) descreve a manifestação realçando os instrumentos, os significados e descrevendo os movimentos:

É um conjunto de homens com caixa e zabumba, reco-reco, pandeiro, viola, dois tocadores, de gaitas que cantam à porta das casas, bendito com letra louvando ao menino Jesus. Após o cântico, entram para a sala, onde será apresentada a contradança. São duas fila, que cada uma fica de frente a outra cantando e dançando num ritmo qual baião, fazem fricotes, uns passam para lá outros pra cá, sem se atrapalharem SANTOS, (2006: 54).

Nessa percepção o senhor Gertudes Alves Ferreira, 83 anos, integrante de reis, da contradança dos filhos de Ricardo, descreve a contradança por causa dos trocados (movimentos de pernas no momento da folia). E que o reisado não tem zabumba e nem gaita.

- Os Reis de boi:

Em conversas com integrantes dos reis de boi de Oliva, do município de Carinhanha/BA, eles explicaram que estes são apresentados por pessoas da família e amigos que acompanham esta manifestação, sendo um gaiteiro, um zabumbeiro, alguns cantores, o dançador, o vaqueiro e o boi, formando-se um grupo de 8 a 10 pessoas. Costumam se apresentar vestidos de roupas comuns, apenas o traje do vaqueiro é diferente e especial. Seu figurino é feito com roupa de couro, ou seja, veste-se com gibão de couro e chapéu, usando também um chicote. Trata-se da roupa usada pelos vaqueiros para campear gado no mato. O boi que faz parte do folguedo é confeccionado com armação de madeira, chifres de boi e um lençol florido.

O cortejo sai pelas ruas da cidade, em caminhada para a casa das pessoas que os convidam para fazer a apresentação e aí começa toda a brincadeira. Por meio de jogo lúdico os cantores oferecem o boi ao dono ou dona da casa, que aceita comprar o boi. Assim é vendido o boi para o dono da casa, os participantes entoam um canto de louvor ao dono da casa, colocando o boi para dançar, brincar e correr atrás de quem acompanha este cortejo. O vaqueiro fica sempre atento para dominar o animal que, na maioria das vezes, é vencido pelo mesmo que o derruba no chão e o aperta com seus chifres. E o vaqueiro por sua vez começa a gritar até que o animal o deixa livre. Este momento faz os foliões gritarem de alegria, pois é uma cena contagiante para todos os participantes e de quem acompanha o cortejo.

- Os Reis de Caixa:

São também conhecidos por Samba de Caixa ou Samba no Pé. Por sua vez é apresentado e composto por tocadores de viola, caixa, reco-reco, meia lua, pandeiro, gaita, triângulo, viola e o cachorreu, que é feito de madeira e tampinhas de garrafas. Os grupos são organizados por homens e mulheres que acompanham os reis, que costumam se apresentar vestidos de calça social preta, camisa branca ou colorida, lenço ou toalha bordada em seus vértices, com flores de ponto cheio feitas pelas mulheres, e com chapéu de palha ou de massa. O cortejo do Reis de Caixa segue pelas ruas da cidade visitando as casas das pessoas, que muitas vezes os convidam.

Santos, assim descreve os Reis de Caixa:

Um grupo de mulheres e homens com viola e caixa [que] cantam à porta das casas em louvor a Santos Reis. Depois que acabam de cantar, uma mulher coloca uma garrafa na cabeça, dá uma umbigada, sapateia, mas a garrafa não cai na sua cabeça. A viola acompanha pelo o repique da caixa e as mulheres em contra tempo batem palmas e cantam pisando forte e sapateiam dando requebros e umbigadas. Jogam versos uma para as outras... brincam quase a noite toda do dia primeiro até o dia seis de janeiro dia de Santos Reis SANTOS, (2006 p. 46).

- Os Ternos de Reis

São constituídos por grupos de pessoas que juntos cantam e louvam os Reis Magos, em homenagem ao menino Jesus. É apresentado em cortejos, saindo pelas comunidades e também nas ruas da cidade, visitando as casas em que estão instaladas as lapinhas, que ficam em um canto da sala, na parte da frente da casa, onde se faz um presépio com imagens do menino Jesus e outros santos de devoção da família.

-Os Reis da Mulinha de Ouro:

No ritual se canta: “a mulinha é de ouro, ouro só! Eu também sou de ouro, de ouro só!”

É um folguedo de muita animação no período em que é apresentado nas festas de reis e também no Encontro Das Águas e dos Amigos, em Carinhanha-BA. Sua tradição foi trazida pela família de dona Cizaltina Pereira da Silva, desde o ano de 1995, quando seus pais vieram da cidade de Remanso para residirem em Carinhanha, no povoado de Barra do Parateca. Sua apresentação é feita nas casas das pessoas que fazem o convite, para apresentarem com os personagens do folguedo: o boi, a mulinha e a fera.

Para SANTOS (2006), a mulinha de ouro é feita com uma cabeça de mula feita de pau, tendo o seu corpo um cabo de vassoura na ponta, representando a cauda. Um homem, coberto com uma grande toalha e o rosto com um véu, sai correndo, como se fosse uma mula brava, dando coices a quem atrever mexer com

ele. Dançam nas portas das casas um grupo de mulheres e um violeiro. Cantam batendo palmas o cântico em louvor ao Deus Menino, depois elas cantam uma espécie de samba em ritmo de caixa e viola.

As apresentações são feitas em ordem dos personagens: primeiro apresenta o boi, em seguida a mulinha e por último a fera. E cantam ou falam:

Porta aberta mesa franca
 Recebeis com alegria
 Recebeis meu Santos Reis
 Filho da virgem Maria.
 Senhora dona da casa
 Não se dê por agravada
 Eu deixei por derradeira
 Porque tinha reservado.
 Se tiver o que nos dá o Santos Reis
 Não precisam cantar
 São José, Santa Maria.
 Santos reis mandou nos dá.
 Ô, bonito reis de Belém.
 Estou na casa de homem de bem (repete)
 (de conhecimento popular)

Dessa forma eles se apresentam oferecendo o boi esperando a saudação da dona da casa, quando a dona da casa responde que aceita dizendo “pode cantar”, eles começam a apresentação do folguedo cantando:

-O Boi baiano:
 Esse boi dê, é boi baiano.
 Esse boi dá, é boi baiano.
 Sapateia meu boi.
 -A mulinha:
 A mulinha é de ouro, ouro só!
 Eu também sou de ouro, de ouro só!
 Sapateia mulinha é de ouro só.
 -A fera:
 Ô lá vem fera, deixa vim.
 Ô fera danada, deixa vim.
 Ta danada a fera, deixa vim.

Os cantos, acima, aparecem ao longo da apresentação do reisado. E na complexidade de cores e animação do folguedo, as pessoas brincam com muita alegria, apresentando os personagens do folguedo. Dessa forma, é importante destacar aqui como são confeccionados os personagens deste folguedo no município. Dona Cizaltina, integrante e formadora deste folguedo, em uma conversa, informou que a mulinha é feita com uma armação de madeira, a cabeça é feita de

papelão coberta com tecido brilhante cor de ouro, e também uma corrente dourada. A fera também é feita de papelão com um formato de cabeça de jegue, pintada com tinta preta, fazendo a boca bem grande e com os dentes e olhos bem grandes. O boi faz com armação de madeira e sua cobertura é com tecido florido.

Nessas manifestações populares da cidade, é interessante observar a presença das crianças que, em certa dimensão, apreendem o sentido e o significado de nossas tradições culturais populares e sua importância na afirmação de nossa identidade cultural, e de todo um sistema simbólico que revela importantes traços culturais que nos constituem como povo e nação. E que podem e devem ser valorizados no cotidiano pedagógico do espaço escolar.

3. Cultura popular no espaço escolar - possibilidades pedagógicas

Para Silva (2008, p. 17) “a importância da cultura popular está principalmente na compreensão de que ela pode oportunizar inúmeras aprendizagens, que são menos formais que as oferecidas pelas escolas.” Nessa perspectiva, a cultura popular é concebida como outra fonte de conhecimentos que pode resgatar toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar a realidade humana.

E o município de Carinhanha é muito rico em diversidades culturais, podendo contribuir muito com o aprendizado das crianças. No entanto, com os avanços tecnológicos na sociedade percebemos que grande parte dessas diversidades culturais está sendo colocada à margem, ao longo do tempo. Isto é muito preocupante porque desvalorizar as tradições culturais é esquecer a própria identidade e da população, pois a cultura é nosso patrimônio histórico. Por isso é importante passarmos a discutir as diversas culturas do município para conservarmos o que faz parte da nossa história, como as manifestações dos reis e reisados na comunidade.

Ao resgatar e preservar a nossa cultura estaremos também preservando o ambiente, pois a cultura é fundamental para a compreensão de diversos valores

morais e éticos que guiam o nosso comportamento social. Podemos observar que nas manifestações culturais e artísticas o homem valoriza aquilo que para a sociedade capitalista não presta e é descartado, ou seja, ele valoriza aquilo que lhe identifica.

A educação tem um papel fundamental no resgate dessa identidade, propondo atividades que permitam identificar e vivenciar a cultura local para melhor percepção de sua importância. É fundamental que o aluno conheça a sua comunidade, pois uma comunidade que não conhece a si mesma e ao seu espaço, dificilmente poderá comunicar sua importância no contexto mais amplo da sociedade. Sendo assim, uma das possibilidades é trabalhar com projetos que busquem uma perspectiva de levar educandos, professores e comunidade a redescobrirem a sua cultura e a relação da mesma com o ambiente. E também perceberem que a velocidade das mudanças em todas as esferas tem reflexos sobre a constituição da identidade.

Nesse sentido, Paulo Freire afirma:

(...) a educação ou ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciências “intencionadas” ao mundo, ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. FREIRE, (1984, p. 99).

Dessa forma, pode-se destacar que é através da cultura local, regional e nacional que desenvolve o homem. Essa concepção é importante já que o homem é produto da cultura que ele mesmo constitui em sua consciência, constituindo também seu objeto de reflexão. É visto que a escola precisa rever seu planejamento pedagógico inserindo as manifestações culturais, como os reis e reisado, festas populares e folguedos, no seu contexto, a fim de que sejam resgatados para a nova geração o sentido e significado da cultura popular brasileira e suas manifestações regionais. E entende-se que a escola tem um papel fundamental de orientar os educandos a conviverem com as diversidades culturais com respeito e igualdade.

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural (1997) sugerem trabalhar a cultura na escola na perspectiva da diversidade cultural, por meio de temas transversais, observando o aspecto da interdisciplinaridade. Apontam que a escola precisa buscar construir relações de confiança para que a criança perceba e viva como ser em formação. Para tanto, é preciso construir uma relação de troca entre os grupos e trabalhar com suas características culturais e a realidade social para melhor desenvolvimento de suas potencialidades pessoais.

Diante desse contexto, é notório que a escola precisa estar atenta às questões de limitações éticas, ou seja, ao se referir a uma determinada comunidade, verificar se seus saberes são verdadeiros, oportunizando, no processo pedagógico, interações escolares e com instituições da comunidade e imprensa, para pesquisar e discutir informações. Nesse sentido:

O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas. PCN, (1997, p. 39).

Trabalhar, pois, com a cultura popular no contexto escolar significa dialogar sobre problemáticas relativas à discriminação étnica, cultural e religiosa, nos diversos grupos sociais, de forma integrada aos conteúdos das disciplinas, que se inicia por refletir a própria realidade escolar quanto às diferenças de origens entre professores, alunos, funcionários, onde cada qual com suas histórias, como ocorre na sociedade entre pessoas e grupos, possa conviver com as diferenças, construindo relações de respeito e aceitação do outro.

CAPITULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para este estudo, dada a natureza do fenômeno a ser investigado, optei pela abordagem qualitativa da pesquisa porque segundo Silva & Menezes:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O “processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. (2000, p. 20).

A abordagem qualitativa da pesquisa é mais adequada para este estudo porque busca uma aproximação e envolvimento dos participantes e pesquisador com o objeto de estudo, propiciando o diálogo entre as partes, oportunizando, assim, uma reflexão em torno da temática em estudo. E, como apontam Ludke e André (1986) tendo o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, ela supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente. E a situação que está sendo investigada, via de regra, se desenvolve através do trabalho intensivo de campo.

Com os objetivos propostos para o presente estudo, dos quais destaco o objetivo geral, que é analisar como se constrói a memória e a identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados no município de Carinhanha-BA, e verificar nesse processo quais são as possibilidades pedagógicas, no espaço escolar, dessa construção, para compreender seus sentidos e significados nos processos de ensino e aprendizagens, busquei trabalhar com a pesquisa de natureza descritiva, pois, Gonçalves (2001, p.65) ensina que “a pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto estudado”.

A familiarização e a obtenção de novas percepções sobre o tema investigado, bem como, vislumbrar novas ideias e suas relações com o fenômeno, tem na

descrição uma importante aliada metodológica. E dada à natureza da pesquisa descritiva, foi definido como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, explicitada a seguir, bem como o local e os participantes da pesquisa.

2.1 - O Instrumento de Coleta de Dados:

Para a coleta de dados foi utilizado, junto aos sujeitos pesquisados, a entrevista semiestruturada, que segundo Manzini (1990/1991, p. 154):

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Para o autor, este tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Dessa forma, as entrevistas da pesquisa foram feitas com base em um roteiro de perguntas abertas, o que as tornou um recurso bastante adequado para atingir os objetivos da coleta de dados proposta neste estudo. E para melhor direcionamento das perguntas, estas foram organizadas em blocos, de acordo com os objetivos da pesquisa, que deram origem a quatro categorias de análises.

E, ainda enfatizando o valor da entrevista, afirmam Ludke e André (1986, p.3):

A grande vantagem da entrevista sobre as técnicas é que ela permite a captação imediata e coerente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

Nesse sentido, por meio de uma conversa individual com cada entrevistado, que incluiu percepções de natureza pessoal e profissional acerca dos reis e os Reisados na construção da memória cultural dos participantes idosos do município de Carinhanha-BA, seus sentidos e significados e suas possibilidades pedagógicas no espaço escolar, os dados foram registrados, organizados e sistematizados, visando a análise, discussão e interpretação.

2.2-O local da Pesquisa:

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Antônio Pereira da Silva, localizada à Travessa Castelo Branco S/N, no Bairro da SUDENE. A escola recebeu esse nome em homenagem ao Senhor Antônio Pereira da Silva, por ser uma pessoa que fez parte da cultura de Carinhanha, em especial da cultura carnavalesca. A escola iniciou no antigo bar Bem-te-vi, na Rua de Baixo (centro) e no governo de Luiz Pinto foi transferida para SUDENE.

A Escola Municipal Antônio Pereira da Silva, após a mudança, em 1988 passou a funcionar com apenas duas salas, com os alunos da pré-escola. E como a população do bairro crescia, em 1999 a escola foi inaugurada legalmente com um quadro de funcionários maior, e teve sua primeira diretora, a professora Joana D'arc Araújo da Paixão, apelidada Cíla e o vice-diretor Edivaldo Sena Araújo, popular Du. Os primeiros professores foram: Joana Neves, Marinalva Belém, Rosana de Sena Batista, Maria Rubens, Maria do Socorro (em memória) Rita de Cássia, Maria Aparecida Araújo e Cátia Cristina Araújo. Nos serviços gerais a saudosa Tereza Belém e merendeira a senhora Fausta.

Anos depois a escola passou por grandes transformações. Devido o aumento do número de alunos a escola pequena deu lugar a uma escola maior, sendo hoje uma escola de porte médio-grande, com localização centralizada no bairro, o que é um aspecto positivo, pois atende toda a vizinhança, mas tem um ponto negativo, está localizada perto de uma lagoa poluída.

A escola atende cerca de 600 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de 9 anos e as séries finais do Ensino Fundamental de 8 anos. Atende também a EJA. Estes alunos são do próprio bairro, são filhos de pescadores, pedreiros, pais desempregados ou funcionários públicos e alunos provenientes da zona rural, filhos de trabalhadores rurais que sobrevivem da agricultura de subsistência, outros alunos sobrevivem apenas do Bolsa Família.

A escola tem 34 professores atuantes em sala de aula, um diretor, dois vice-diretores e dois coordenadores pedagógicos e ainda conta com 6 funcionários de

apoio (merendeiras, faxineira e porteiro). Os docentes estão graduando, outros já são graduados. Estes profissionais são oriundos da própria cidade, todos moram no bairro ou próximo do mesmo.

2.3- Os participantes da Pesquisa:

Quanto aos participantes da pesquisa, numa primeira etapa os sujeitos participantes deste trabalho foram pessoas idosas integrantes de alguns grupos de Reis e Reisados no município de Carinhanha. Numa segunda etapa, professoras do 4º e 5º anos e coordenadora pedagógica de uma escola de ensino fundamental I de Carinhanha/BA, para investigar em que medida as manifestações da cultura popular brasileira fazem parte de suas práticas pedagógicas, em especial as manifestações dos reis e reisados.

No grupo dos idosos participantes do reisado foram entrevistadas cinco pessoas, que são aqui citadas como participantes I, II, III, IV, V. Todos são do sexo masculino, católicos, nasceram e moram na zona rural do município de Carinhanha/BA, na comunidade por nome Tapera. E entre eles há dois jovens, que participam do reisado desde criança, juntamente com os familiares.

O participante I, tem 65 anos, é alfabetizado, católico, casado, não tem filhos e participa do reisado há trinta anos. Informou que foi o formador do grupo e é quem confecciona os instrumentos do reisado, como a caixa, o pandeiro, o corrocheu, o reco-reco e a meia lua, apesar de hoje em dia se encontrar esses instrumentos à venda. É o integrante responsável pelo terno da contradança da comunidade e fez a primeira viola usada por ele, mas agora o grupo utiliza uma viola moderna, que é comprada.

O participante II tem 55 anos, é alfabetizado, católico, casado, pai de quatro filhos e participa do reisado há 28 anos. O participante III tem 28 anos de idade, possui o Ensino Médio completo, casado, tem uma filha, é católico e participa dos reis desde criança junto com o seu pai, que é integrante de reis. E em relação aos participantes IV e V, o primeiro é integrante dos reis de caixa, tem 58 anos, faz 30

anos que participa do reisado com os irmãos e também com os sobrinhos, que já fazem parte do reisado. E o segundo é também um dos integrantes de reis de caixa, com 47 anos de idade, faz as apresentações junto com seus familiares dando continuidade à manifestação cultural familiar.

No grupo das professoras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I foram realizadas cinco entrevistas, e as entrevistadas são aqui citadas e representadas pelas iniciais dos seus nomes como professoras A, F, J, S, e a coordenadora pedagógica, citada como professora L. São todas católicas, nasceram e moram na sede do município e possuem muitos anos de experiência na docência.

A professora A tem 41 anos de idade, graduada em Pedagogia e Serviço Social, informou que tem 21 anos de docência, 10 anos em sala de aula e 11 anos na gestão pedagógica. A professora F tem 36 anos, graduada em Matemática, informou que tem 15 anos de docência. A professora J tem 48 anos, graduada em Pedagogia e pós-graduada em História e Cultura Afro, informou que tem 21 anos de docência. A professora S tem 42 anos, graduada em Pedagogia e pós-graduada em História e Cultura Afro, informou que tem 25 anos de docência. E a professora L tem 40 anos, graduada em Matemática, informou que tem 15 anos de docência em sala de aula.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

As análises se basearam nas entrevistas realizadas nos dois grupos definidos previamente, o grupo dos idosos participantes do reisado e o grupo de professoras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e coordenadora pedagógica, de uma escola do município de Carinhanha/BA.

Os dados retirados das falas dos entrevistados foram organizados em quatro categorias de análises, tendo por referência os blocos das entrevistas, estruturados de acordo com os objetivos da pesquisa. Estas são apresentadas, a seguir:

CATEGORIA I: Processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados

A categoria procura analisar a percepção dos entrevistados sobre o processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados no contexto da cultura popular brasileira.

- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:

As respostas às perguntas com propósito de verificar como os participantes identificam o processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados no contexto da cultura popular brasileira – Os Reis e Reisados em Carinhanha-BA, apontam que os entrevistados entendem o reisado como uma festa cultural, como uma das manifestações culturais e religiosas local e como uma folia histórica de uma festa apresentada e comemorada desde o natal. Quanto ao período em que se comemora, indicaram de 1º a 6 de janeiro, mas um deles afirmou que é comemorada desde o natal até 6 de janeiro. Ao falarem da origem do reisado apenas um apontou que é em comemoração ao nascimento de Jesus, por causa da visita dos três reis magos ao menino Jesus. Os outros não responderam a esta questão. E não foram muito precisos quanto à origem do reisado no município, todos responderam que na comunidade em que vivem é de origem familiar. Mas um deles explicou que é uma cultura de origem africana e foi na década de 60 que deu início em Carinhanha.

Sobre a participação, observaram que envolve idosos, jovens e crianças. A respeito de quando iniciaram no reisado, afirmaram que participam desde criança, que vivenciaram tudo em família e que tudo continua em família, não havendo mudanças com o passar dos anos, pois as comemorações são do mesmo jeito e com alegria. Perguntados a respeito dos personagens, as músicas e instrumentos, as respostas foram convergentes, disseram que não há personagens, trata-se de reis de caixa e bumba, a contradança e o samba, que as músicas são muitas, com versos em louvor aos Santos Reis e tem músicas como a pombinha voou, ô de casa, ô de fora. E que são vários instrumentos: caixa, meia-lua, reco-reco, a vila, o pandeiro, bumba, viola. Um deles falou muito da alegria que é apresentar junto com seu pai, tios e primos esta festa cultural. Sendo o tocador de gaita, sorria sempre que falava dos casos acontecidos quando iam para outras localidades, muitas vezes em cima de caminhões, para cumprir a caminhada com o cortejo nessas localidades.

Quanto ao percurso realizado pelo cortejo do Reisado e o seu significado, as respostas foram complementares, o percurso é feito em caminhada para as casas, a pé e em carros, mas acontece mais a pé. E as análises indicaram que o conhecimento sobre os reis e reisados é baseado nas vivências familiares, repassadas de geração a geração, o que é uma das características da cultura popular, como visto no referencial teórico do presente trabalho. De acordo com Caldas (1986) esta é produzida e transmitida por e para o povo, em vários lugares, inclusive nos lares, pelas famílias. E nas falas simples dos participantes do reisado é possível perceber como se dá o processo histórico/social/cultural dessa manifestação na cultura local, que está relacionada à cultura popular brasileira.

Quanto ao percurso percorrido, vimos que Cascudo (2002) informa que os reiseiros:

(...) percorrem as ruas das cidades, os sítios e fazendas (...). Faz parte desse roteiro a visita às casas, de acordo com um andamento previamente determinado, que consta de chegada, pedido de licença (para entrar). Agradecimento (pela esmola ou comida recebida) e despedida (p.675).

Para os entrevistados de reis de Carinhanha o cortejo é realizado saindo da comunidade, já sabendo o destino e em quantas casas vão apresentar, sendo importante saber para onde se vai, com todos juntos, em grupo. Faz-se o cortejo

quando já está tudo combinado ou quando a família dona da casa faz o convite, assim, já se prepara por onde passar, de casa em casa, ou de uma comunidade para outra.

Nessa perspectiva, os participantes definem esta manifestação cultural como uma forma de louvar os Santos Reis e os moradores das casas. E vimos que Torres e Cavalcante (2006) destacam que:

(...) O ritual é sempre muito bonito e composto de “etapas” ou “fases” que podem variar de acordo com a região, mas com poucas alterações: chegada/abrição de portas: saudação do donos da casa, louvação ao presépio, despedida e, dependendo da manifestação, apresentação cantada/recitada e/ou dançada dos palhaços (e seus congêneres regionais). Podem ainda apresentar “cantos circunstanciais” com temas diversos. O teor dos versos cantados é normalmente de natureza bíblica TORRES, CAVALCANTE, (28, p.206).

-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:

As respostas se assemelharam às dos participantes do reisado, como moradoras da cidade, possuem informações baseadas nas vivências familiares, apontam que entendem o reisado como uma festa cultural da cidade, uma folia de reis realizada de 1º a 6 de Janeiro, mas que o povo reza as ladainhas o mês de janeiro todo. Uma entrevistada falou que são comemorações culturais que são passadas de geração a geração. Poucas disseram que conhecem e participam do reisado. Aquelas que responderam que conhecem o reisado disseram que cresceram vendo seus familiares participando e que, hoje, incentivam os jovens, admiram, participam e até apoiam no que podem. A respeito da origem do reisado no município não foram muito precisas, responderam que têm poucos conhecimentos a respeito e que o que sabem é que nas comunidades é de origem familiar. Sobre a participação, observaram que envolvem idosos, jovens e crianças. Perguntadas sobre o significado histórico/social/cultural dos reis e reisados para o município, as respostas foram pertinentes, porque umas disseram que significa a vida do povo, faz parte da história do povo e do próprio município, outra respondeu que significa a história social e cultural da família.

CATEGORIA II: Construção, sentido e significado da identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados no município.

A categoria tem o propósito de analisar a construção, o sentido e o significado da identidade cultural para os participantes idosos dos Reis e Reisados e professores.

- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:

As respostas às perguntas desta categoria foram semelhantes, pois, para os entrevistados, de modo geral, ser reiseiro é ser uma pessoa que participa da cultura e folia de reis e significa união do grupo, respeito à tradição que segue. Um deles disse ainda que é muito importante o significado do reisado para a sua fé e religiosidade. E entendem como construção da memória e identidade cultural local a busca pelo respeito à tradição porque a cultura dos reis e reisados é de origem familiar, e que precisa continuar a tradição como uma religiosidade e como uma manifestação que representa a comunidade local.

Para um dos participantes, a cultura do reisado é bem viva em sua memória, pois traz lembranças boas de sua infância na comunidade e é uma alegria imensa, pois não deixa de ser uma aprendizagem e convivência com outras pessoas. E gostaria que os jovens, ou seja, as novas gerações passassem a participar e gostar mais dessa festa cultural.

Assim, vimos que os participantes dos grupos se envolvem no processo de organização e preparação da apresentação dos reis e reisado, todos os anos, o que fortalece a construção de sentido e significado da identidade cultural para eles, que dão uma importante contribuição à cultura popular local, pois sendo uma tradição repassada de geração a geração, no meio familiar, e realizada em interação com a comunidade, foi e continua se incorporando à memória da cultura da cidade.

-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental I

Quando perguntadas sobre a construção, sentido e significado da identidade cultural dos participantes idosos dos reis e reisados no município, nem todas contribuíram por não saberem explicar, apenas uma professora falou que os participantes demonstram identidade com a cultura que vivem e se sentem valorizados. A mesma respondeu que todos são envolvidos, crianças, jovens e idosos, e se sentem identificados porque é marcante na história. Disse também que a contribuição do reisado para a construção da memória e identidade cultural local ajuda na formação moral, ética, cultural e social dos integrantes e participantes da cultura. Outra professora contribuiu dizendo que todos são envolvidos crianças, jovens e adultos e, com certeza, sentem-se identificados, pois eles seguem a tradição familiar.

Nesse sentido, como moradoras da comunidade local, o fato de as professoras, que vivenciam as apresentações do reisado desde a infância, não perceberem o sentido e significado do reisado como demonstração da identidade pessoal e cultural dos participantes idosos dessa cultura, e da própria cidade, é fator que as impossibilita de contribuir com reflexões, junto às crianças, sobre a importância dessa manifestação para a memória e identidade do povo do município.

CATEGORIA III: Formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados

A finalidade da presente categoria é analisar as formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados para as gerações mais novas.

-No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:

Pode-se observar na análise das perguntas relativas às formas de transmissão da memória e identidade do reisado que as respostas dos participantes do grupo entrevistado foram muito precisas, todos disseram que foi pela vivência, pois desde criança conviveram com essa cultura vendo as pessoas e familiares se apresentar e, hoje, são membros e integrantes de grupos de reisados.

Os relatos revelam que passaram a ser integrantes de grupos de reisados pela influência das pessoas da família e da comunidade. Um dos entrevistados menciona que o papel da família na sua identificação com o Reisado foi importante na construção da memória e todos relataram que se preocupam com a preservação de sua memória. E para as novas gerações têm sido transmitidos de forma que venham se interessar por essa manifestação popular, mas é preciso que os pais incentivem porque alguns jovens se interessam e outros não. Nessa perspectiva, é notório que participar e apresentar as manifestações dos reis e reisados para eles são formas de transmissão de sua identidade cultural e social. Assim sendo, no grupo são visíveis os vínculos que possibilitam o fortalecimento desta relação na memória individual e coletiva dos participantes, que valorizam as apresentações. Quanto a este aspecto esclarece Ortiz (2006, p. 135):

A memória coletiva se aproxima do mito, e se manifesta, portanto ritualmente. A memória nacional é da ordem da ideologia, ela é o produto de uma história social, não da ritualização da tradição. Enquanto história ela se projeta para o futuro e não se limita a uma reprodução do passado considerado como sagrado.

É visto que os entrevistados propagam a preservação dos reis e reisado, e reafirmam que a memória desta cultura popular brasileira precisa continuar viva no meio familiar e da comunidade de Carinhanha.

- No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:

Apenas duas professoras responderam com precisão a esta questão, mencionaram que a transmissão da memória e identidade cultural dos reis e reisados foi através de seus pais, vizinhos e amigos que participam e passam para a população. Uma dessas professoras ainda contribuiu dizendo que, hoje, com o avanço do planejamento da secretaria de Educação em parceria com a secretaria de cultura tem-se priorizado a cultura local, fazendo com que as escolas comecem a trabalhar em suas atividades pedagógicas. E que ela tem contribuído para que o reisado continue a ser praticado pelas novas gerações porque acredita que o passado pode envolver os jovens e crianças, para que eles despertem o amor, o

respeito e a valorização dessa cultura para sua formação enquanto ser humano. E para contribuir fez a sua monografia quando cursou Pedagogia com esse tema e enviou para as escolas, nas quais pensa que é preciso ser mais discutido em grupo essa forma de transmissão, e que está lutando para que o município valorize mais e, principalmente, contribua financeiramente e pedagogicamente.

Vejo nessa última fala que este é um dos caminhos para transmissão e valorização da memória e da identidade cultural dos reis e reisados para as gerações mais novas, mas é fundamental maior integração da escola com a comunidade, com os grupos das manifestações culturais locais, que são fontes da história oral, pulsando fora do contexto escolar.

CATEGORIA IV Possibilidades de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas

A categoria procura verificar as possibilidades de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas como formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados

- No Grupo dos Idosos Participantes do Reisado:

Segundo os integrantes dos grupos de reisados eles nunca tiveram a oportunidade de fazer apresentações nas escolas, as crianças muitas vezes conhecem e assistem nas casas das pessoas, quando os reis estão sendo apresentados. Para eles a escola não incentiva esse trabalho. A escola não contribui para a preservação da memória cultural dos reisados, sendo que a mesma poderia contribuir fazendo projetos voltados para a cultura local e trabalhar a história da cidade. Um dos participantes mencionou também que por falta de incentivo e pesquisa os jovens não se interessam em formar grupos.

Os participantes sentem falta da integração cultural entre a escola e os participantes do reisado. E sabemos que uma das possibilidades de dinamizar essa interação é a escola convidá-los, não só para realizar apresentações, mas para

contar a rica história dessa manifestação popular vivenciada por eles. E muitos desses participantes são pais, avós ou tios de alunos e essa ação poderia estreitar as relações entre família-escola-comunidade.

-No grupo de professoras que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental:

Perguntadas se o grupo de reisado faz apresentações na escola, como mais uma possibilidade de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas, as professoras responderam que o grupo de reisados não faz apresentações nas escolas e que não solicitam essas apresentações. Aqui as respostas se contradizem, pois uma falou que as crianças que estudam na escola trazem o grupo e valorizam essa cultura e que há alunos na escola que integram um grupo de reis de bois. Outra falou que a escola trabalha superficialmente, outra que pouquíssimas escolas trabalham, mas que isso só acontece no mês de agosto quando se comemora o aniversário da cidade. Por último, uma das professoras observou que nem sempre as pessoas que participam dos reisados gostam de ir à escola.

Quanto à pergunta sobre como reagem os professores e alunos diante das apresentações do reisado, uma professora respondeu que os alunos e professores reagem alegres e muito curiosos em saber como as pessoas aprenderam fazer essas apresentações, como aprenderam a cantar e dançar, de como a tradição é passada de geração a geração, como é feita as roupas e como conseguem dinheiro para fazer acontecer as manifestações todos os anos em nossa cidade. Outra respondeu à questão dizendo que alguns professores incentivam, contribuem e participam direta e indiretamente nessas apresentações, outros não gostam e até criticam. Mas a terceira professora respondeu dizendo que quando são trabalhados os conteúdos os alunos gostam.

Em conversas de como a escola pode contribuir para a memória do reisado, por meio do processo ensino e aprendizagem, a primeira professora entrevistada respondeu que se deve ensinar, desde o primeiro contato com a escola, o porquê

dessas manifestações em nossa cidade, o significado para quem participa e de como é importante a valorização dessa cultura popular para as futuras gerações. A segunda disse que se deve dar ênfase ao trabalho desenvolvido pelas crianças na época específica, por meio da metodologia de projetos. E outra respondeu que é levando para as escolas os grupos de reisados através de projetos.

Quando as professoras dizem que não sabem se o grupo de reisados tem alguma proposta de trabalho para as escolas, e que se tem não é do conhecimento delas, bem como que nem sempre as pessoas que participam dos reisados gostam de ir à escola, como também que alguns professores não gostam e até criticam as apresentações, percebe-se a ausência de articulação entre comunidade e escola, que é um fator fundamental no processo pedagógico.

Na pergunta sobre como a escola insere em seu currículo o planejamento de atividades voltadas para a cultura popular brasileira, trabalhando a cultura local, em especial os Reis e Reisado, uma respondeu que algumas escolas planejam a cultura popular e a cultura local só que de uma maneira global, que trabalham em sala de aula algumas manifestações religiosas e culturais sem trabalhar a especificidade de nenhuma e que geralmente o professor de História é que dá mais ênfase nas manifestações religiosas e culturais do município, destacando a singularidade de cada uma e a importância para os alunos e para a cidade. Outras responderam que trabalham a cultura popular, mas não de forma específica com os reis e reisados.

Dessa forma, como estamos falando de anos iniciais do ensino fundamental I, onde não há professor por disciplina, percebe-se que uma das professoras desviou o foco e não falou de sua atuação, ao colocar que o professor de História é quem trabalha o tema, uma situação que ocorre a partir dos anos correspondentes ao ensino fundamental II.

Como resposta à pergunta se os alunos possuem algum conhecimento sobre a cultura local, e sobre o Reisado, e de que forma os alunos veem a importância da cultura para seu dia a dia, as respostas se contradizem, quando uma fala que os alunos conhecem, gostam e principalmente participam desses acontecimentos, outra diz que não veem a importância para seu crescimento pessoal e para a valorização

dessa cultura. Outra responde que eles têm conhecimento da cultura do reisado, muitos consideram como cultura mesmo, outros como diversão e outros como brincadeiras. Uma das professoras respondeu que os alunos trazem o conhecimento dessa cultura, mas que só é trabalhada na época do aniversário da cidade, e de alguma forma a cultura traz um ensinamento para o aluno.

Sobre a pergunta de como na escola é trabalhado com as crianças o sentido e significado da memória e identidade cultural dos Reis e Reisado e quais as possibilidades pedagógicas no contexto escolar para esse trabalho, uma professora respondeu dizendo que algumas trabalham de maneira singela a memória e a identidade cultural dos Reis e Reisados. E como nossa cidade é riquíssima culturalmente deveriam trabalhar em todas as disciplinas a importância de nossa cultura popular. As outras professoras falaram que trabalham sim, mas ainda de forma isolada, e que é preciso trabalhar com projetos que envolvam a comunidade.

Ao analisar a questão de como a cultura popular se insere no currículo da escola e planejamento de atividades pedagógicas, nota-se em várias falas que quando é trabalhada esta ocorre de forma fragmentada, geral e superficial, em momentos pontuais, de forma diferente do que indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural (1997) quanto a trabalhar a diversidade cultural na escola por meio de temas transversais, observando o aspecto da interdisciplinaridade.

E quando uma professora afirma que os alunos não veem na cultura importância para seu crescimento pessoal e para a valorização da cultura local, vejo que é fundamental refletir sobre o papel da educação e sua relação com a cultura para percebermos o real sentido do processo pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da UnB/UAB, procurou responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorre a construção da memória e identidade cultural dos participantes idosos dos reis e reisados no município de Carinhanha-BA e sua importância para as gerações mais novas, no contexto das práticas pedagógicas de professores do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I de uma escola em Carinhanha –BA ?

E os resultados obtidos por meio da pesquisa desenvolvida permitiram constatar e comparar a realidade dos dois grupos envolvidos no processo investigativo, o grupo1- dos idosos participantes dos reis e reisados e o grupo2- de professores do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I e apresentar algumas conclusões, de acordo com as análises realizadas.

Os estudos indicaram que o conhecimento sobre os reis e reisados é baseado nas vivências familiares, repassadas de geração a geração, o que é uma das características da cultura popular, como visto no referencial teórico do presente trabalho. Os participantes dos grupos de reisado se envolvem no processo de organização e preparação da apresentação, o que fortalece a construção de sentido e significado da identidade cultural para eles, que dão uma importante contribuição à cultura popular local, pois sendo uma tradição repassada de geração a geração, no meio familiar, e realizada em interação com a comunidade, foi e continua se incorporando à memória da cultura da cidade.

Para eles a escola não incentiva esse trabalho. A escola não contribui para a preservação da memória cultural dos reisados, sendo que a mesma poderia contribuir fazendo projetos voltados para a cultura local e trabalhar a história da cidade e que por falta de incentivo e pesquisa, os jovens não se interessam em formar grupos.

Os fatos destacados pelos participantes dos reisados demonstram que a

escola não realiza um trabalho de conscientização e valorização da cultura local. E acreditando que um povo se constitui de sua história, vejo que o ato de valorizar e repassar às futuras gerações as tradições vividas, ao longo do tempo, é uma das formas de fortalecer a memória e identidade cultural de seu povo, da cultura local, que a escola ainda não percebeu.

Nesse sentido, ficou claro que a falta de articulação entre a escola com os grupos culturais está prejudicando uma melhor compreensão e valorização das manifestações culturais vividas em nossa comunidade. É preciso que a escola realize projetos onde o foco seja a disseminação da cultura local, entre os educandos, fazendo com que estes se sintam parte do contexto. E compreendo que cultura e educação caminham juntas, vimos que dissociar uma da outra é podar as oportunidades de utilização no trabalho pedagógico, que certamente demonstrei neste trabalho.

Ao analisar a questão de como a cultura popular se insere no currículo da escola e planejamento de atividades pedagógicas, as docentes relataram que é trabalhado de forma fragmentada, geral e superficial, em momentos pontuais, de forma diferente do que indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural (1997) quanto a trabalhar a diversidade cultural na escola por meio de temas transversais, observando o aspecto da interdisciplinaridade.

Sendo assim, ficou claro que há necessidade de uma aproximação da escola com os grupos que ainda existem e que desenvolvem as manifestações culturais, que ao longo da história do povo carinhanhense vêm sendo passadas de geração a geração, para que estas não se percam, mas venham a ser valorizadas como parte integrante da cultura local. E ciente que a atual geração precisa conhecer melhor essas manifestações, certamente, um dos locais onde este contato pode acontecer é na escola, onde conhecimento e cultura caminham juntos.

Escrever sobre o reisado foi uma emoção muito grande para mim, pois trouxe memórias ligadas à minha infância em Lagoa Dantas, comunidade pequena, de terras passadas de pai para filho, de geração a geração, localizada a 13 km de Carinhanha, onde resido. E falar do reisado é preciso falar das lapinhas.

A espera do dia de Reis se iniciava já na época do Natal, quando dia 6 de dezembro, um mês antes do dia de Santos Reis, começavam os preparativos das lapinhas. As lapinhas são feitas dentro de casa. Escolhe-se um canto da sala, a parte da frente da casa, e fazemos um presépio com imagens do menino Jesus e outros santos de devoção da família.

Durante a lapinha armada no período de 6 de dezembro a 6 de janeiro, acendiam velas todos os dias. No anoitecer, minha mãe dizia que o menino Jesus estava no escuro, e que precisava de luz. A lapinha não podia ficar no escuro porque lá estava Jesus, presente no meio de nós. E nós, crianças, ainda fazíamos a competição da lapinha mais bonita da comunidade.

Depois das preparações da lapinha já podíamos esperar ansiosos o dia em que os reiseiros vinham para a comunidade. Antes de ir para a comunidade era comum avisarem o dia exato da visita, já que eles tiravam os Reis em várias comunidades vizinhas a nossa. Assim, começávamos a nos preparar com antecedência. Fazíamos o jantar dos reiseiros. Cozinhávamos muita comida e os bolos não podiam faltar, acompanhados com o café, durante a noite, porque acontecia deles cantarem a noite toda. Os reis eram cantados em comemoração ao dia de Santos Reis, todo dia 6 de janeiro.

Ao entrevistar os idosos participantes do reisado, pude perceber o quanto ficaram emocionados, gratificados, pois os mesmos se sentem valorizados e identificados com a cultura familiar na comunidade. Para mim foi muito emocionante escrever este trabalho, pois através do mesmo voltei as minhas raízes, às memórias ligadas a minha infância na comunidade de Lagoa Dantas e na Tapera, participando dessa cultura que permanece ainda viva no coração de todos da comunidade, crianças, jovens e adultos. Todos são felizes em continuar com a tradição da cultura local.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade-** lembranças de velhos. São Paulo: Cia das letras, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CALDAS, Valdenyr. **Cultura: O que todo cidadão precisa saber.** 1ª ed. São Paulo: Global, 1986.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil.** 3º Ed. Belo Horizonte: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

_____ **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 8ª. Ed. São Paulo: Global, 2002.

_____ **Folclore do Brasil (pesquisas e notas).** São Paulo; Lisboa: Editora Fundo de Cultura, 1967, p. 157.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. et al. 1992. **Os estudos de folclore no Brasil.** Seminário Folclore e Cultura Popular: As várias faces de um debate. Série Encontro e Estudos, nº1. Pp. 101-112. Rio de Janeiro: Funarte.

CRUZ, Carla & RIBEIRO, Uirá. **Metodologia do Trabalho Científico- Teoria e Prática.** Belo Horizonte-MG, 5 de Maio de 2003.

DINIZ, Domingos. **As Folias de Santos Reis,** 2007. Disponível em: http://www.Aguacomprida.mg.gov.br/hist_folia.html. (publicado pela Comissão Mineira de Folclore).

FÁVERO, Osmar. **Cultura Popular e Educação Popular:** memória dos anos 60. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á pratica**

educativa\Paulo Freire. -São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversando sobre iniciação a pesquisa científica**. 3 ed. Campinas, SP: Ed Alinea, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e PRIORE, Mary Del. **Memória, Patrimônio e Identidade**. Boletim 04. Ministério da Educação. Abril, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Sociologia geral**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LARAIA, Roque de. **CULTURA. Um conceito antropológico**.

PESCUNA, Derna e CASTILHO A. PP 17-25; MAKSENAS P. PP 149-162

LÉO, Mackellene; PASSOS, Simone; ARAÚJO, José Edvar Costa de. **Carinhanha entre Rios de Histórias**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

_____. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade cultural, orientação sexual/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

PASSARELLI, Ulisses. **Reisados Brasileiros: tipologia**, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14ª ed. São Paulo: Loiola, 1994.

SANTOS, Honorato Ribeiro dos. **História de Carinhanha**. 4ª Ed. Guanambi-BA:

Gráfica Papel Bom, 2006,p.54.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e a Educação**. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em *pt.scribd.com/doc/21413236/TCC-Horta-Escolar. Acesso em 08/06/2013*

TORRES, Lúcia Beatriz. CAVALANTE, Rafael. **Festas de Santos Reis**. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

VANNUCCHI, Aldo. (**CULTURA BRASILEIRA, O que é, como se faz.**) EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999.

FONTES:

<<http://www.pucrs.br/mj/poema-diversos-826.php>> acesso em: 07/09/2013.

APÊNDICES

1.ROTEIROS PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM PARTICIPANTES DO REISADO E PROFESSORES/COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA PESQUISADA

1.1.ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DO REISADO

Data da Entrevista:

BLOCO 1 – Dados do/a Entrevistado/a

Nome:

Sexo:

Idade:

Nível de Escolaridade:

Local de nascimento:

Estado Civil:

Nº de filhos:

Tempo de participação no Reisado:

Religião:

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO II - Processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados

1. O que são os Reis e o Reisado? Em que data se comemora?
2. Você conhece a origem do Reisado? E como/quando começou no município de Carinhanha?
3. Quem participa do Reisado (idosos, jovens, crianças)?
4. Desde quando você participa do Reisado? De quando você começou a participar do Reisado até hoje houve alguma mudança?
5. O que contribuiu para essa mudança? O que mudou?

6. Quais os personagens que aparecem no Reisado?
7. Quais são as músicas cantadas no cortejo do Reisado? Quais os instrumentos utilizados?
8. Qual é o percurso realizado pelo cortejo do Reisado? O que significa esse cortejo?

BLOCO III: Construção, sentido e significado da identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados no município.

1. O que é ser Reiseiro/a? Qual o sentido e significado do Reisado para você?
2. Como se sente em ser integrante dessa manifestação da cultura popular? Sente-se identificado culturalmente com o Reisado? Por quê?
3. Qual é a contribuição do Reisado para a construção da memória e identidade cultural local?
4. Qual a mensagem que os participantes do Reisado desejam passar para a população de Carinhanha?

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO IV: Formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados

1. De que forma os Reis e Reisado foram transmitidos a você?
2. E para as novas gerações, como têm sido transmitidos? Você sente que as crianças e os jovens se interessam por essa manifestação popular?
3. Como passou a ser integrante do Reisado?
4. Você tem lembrança do Reisado em sua família? Tem fotos? Qual o papel da família na sua identificação com o Reisado?
5. Você tem contribuído para que o Reisado continue a ser praticado pelas próximas gerações? Como?
6. Os participantes do Reisado se preocupam com a preservação da sua memória? O que tem sido feito?

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO V: Possibilidades de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas

1. O grupo do Reisado faz apresentações nas escolas? Como acontecem?
2. Como alunos e professores reagem a essas apresentações?
3. A escola pode contribuir para a preservação da memória do Reisado, por meio do processo de ensino e aprendizagem? Como seria essa contribuição?
4. O grupo do Reisado tem alguma proposta de trabalho nas escolas locais?

OBSERVAÇÕES _____

1.2.ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES/COORDENADORA PEDAGÓGICA

Data da Entrevista:

BLOCO 1 – Dados do/a Entrevistado/a

Nome:

Sexo:

Idade:

Formação:

Tempo de exercício na docência:

Local de nascimento:

Estado Civil:

Nº de filhos:

Religião:

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO II - Processo histórico/social/cultural dos Reis e Reisados

1. O que sabe sobre os Reis e o Reisado? Em que data se comemora?
2. Você conhece
3. a origem do Reisado? E como/quando começou no município de Carinhanha? - Você participa do Reisado? De quando você começou a participar do Reisado até hoje houve alguma mudança? O que mudou?
4. Qual o significado histórico/social/ cultural dos Reis e Reisado para município?

BLOCO III: Construção, sentido e significado da identidade cultural dos participantes Idosos dos Reis e Reisados no município.

1. Você saberia dizer o que é ser Reiseiro/a? Qual o sentido e significado do Reisado para os participantes idosos?
2. Conhece os integrantes dessa manifestação da cultura popular (são idosos, crianças, jovens)? Como percebe esses integrantes? Eles se sentem identificados culturalmente com o Reisado? Por quê?
3. Qual é a contribuição do Reisado para a construção da memória e identidade cultural local?
4. Qual a mensagem que os participantes do Reisado passam para a população de Carinhanha?

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO IV: Formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados

1. De que forma os Reis e Reisado foram transmitidos a você?
2. E para as novas gerações, como têm sido transmitidos? Você sente que os jovens se interessam por essa manifestação popular?

3. Você tem contribuído para que o Reisado continue a ser praticado pelas próximas gerações? Por quê? Como?
4. Como você, enquanto educador/coordenador analisa as formas de transmissão da memória e da identidade cultural dos reis e reisados para as gerações mais novas?
5. Os participantes do Reisado se preocupam com a preservação da sua memória e identidade cultural? O que tem sido feito?

OBSERVAÇÕES _____

BLOCO V: Possibilidades de ensino e aprendizagens no contexto das práticas pedagógicas

1. O grupo do Reisado faz apresentações nas escolas? Como acontece? A escola solicita essas apresentações?
2. Como alunos e professores reagem a essas apresentações?
3. A escola pode contribuir para a preservação da memória do Reisado, por meio do processo de ensino e aprendizagem? Como seria essa contribuição?
4. O grupo do Reisado tem alguma proposta de trabalho nas escolas locais?
5. A escola insere em seu currículo e planejamento atividades voltadas para a cultura popular brasileira trabalhando a cultura local, em especial os Reis e Reisado?
6. Os alunos possuem algum conhecimento sobre a cultura local? E sobre o Reisado? Como os alunos veem a importância da cultura para seu dia-a-dia?
7. Na escola, é trabalhado com as crianças o sentido e significado da memória e a identidade e-cultural dos Reis e Reisado? Quais as possibilidades pedagógicas no contexto escolar para esse trabalho?

OBSERVAÇÕES _____

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao ingressar neste curso de Pedagogia minhas expectativas foram muitas, mas acreditei que tudo era o começo de uma nova vida, principalmente por ser educadora. Tudo era novo e especial para mim. Foi o momento da descoberta e de muito aprendizado porque, até então, o curso de Pedagogia, para mim, só era válido para trabalhar em sala de aula, e no decorrer do curso percebi que é bastante abrangente.

No curso de Pedagogia a nossa identidade é construída a todo o momento, nas múltiplas funções que exercemos, seja de mãe, de esposa e de educadora, e que contribuem com a nossa formação, sendo de fundamental importância para nossa atuação pedagógica.

Nesse sentido, como profissional da educação, farei valer todos os conhecimentos adquiridos, através da atuação acadêmica, dentro dos princípios educacionais, levando em conta os aspectos teóricos e práticos, dentro e fora da sala de aula, buscando sempre embasar o conhecimento adquirido na universidade para encontrar caminhos e soluções para o campo educacional.

Esta pesquisa trouxe-me subsídios que irão auxiliar na minha prática pedagógica, possibilitando novas propostas de trabalho com a cultura popular local e regional, dentro do contexto escolar.